



**O periódico a serviço da fé: considerações sobre o *Sergipe
Evangelico (1935-1938)***

Autor: Ailton Rodrigues Rocha Santos¹

Introdução

Não é incomum notar o quanto a Igreja Católica foi e é considerada importante como parte da sociedade brasileira. Edifícios eclesiásticos, festas alusivas a personagens religiosos, dias de santos (feriados), órgãos oficiais da imprensa católica, entre outros aspectos dessa instituição, estão presentes no dia a dia do brasileiro. Contudo, seria a Igreja Católica a única instituição que exerceu e exerce uma considerável influência na história do Brasil? Edifícios de outras Igrejas cristãs, por exemplo, a Presbiteriana, não estiveram e estão presentes no cotidiano do brasileiro? Existiram órgãos oficiais da imprensa protestante na sociedade brasileira? De qual maneira os protestantes articulavam-se para fundar os seus periódicos? Estruturavam-se de forma homogênea para manter seus jornais? Enfrentavam dificuldades para sustentá-los?

Sendo o Brasil um país caracterizado por ser multicultural, cometemos não somente um equívoco, como também um anacronismo sem precedentes, ao apontarmos apenas uma Igreja (pertencente à religião cristã), como a única responsável por transmitir seu legado à sociedade brasileira; quando na verdade existem outras que foram e são partícipes na formação dessa sociedade.

Atentando para essa diversidade das Igrejas Cristãs (os protestantes são muitos) e o quanto elas estão presentes em vários lugares do Brasil, optamos por trabalhar com o órgão informativo de algumas Igrejas consideradas protestantes, localizadas em Aracaju (Sergipe), denominadas

¹ Graduando em História pela UFS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/FNDE). Colaborador no projeto: “Escrevendo em nome da fé e diante das vicissitudes históricas...”: Imprensa cristã e artigos de cristãos nos jornais laicos sergipanos. E-mail: ailton.historia@outlok.com Orientador: Prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa (GPCIR/DHI,UFS).



Presbiterianas, Batistas e Igreja Cristã. Da mesma forma, ciente das múltiplas ações dessas Igrejas na expansão da cristandade, resolvemos compreender a ação delas via um órgão de imprensa oficial. Trata-se do *Sergipe Evangelico*, publicado entre os anos de 1935 a 1938.

Estudaremos esse órgão da imprensa protestante em conformidade com os objetivos do projeto *Escrevendo em nome da fé e diante das vicissitudes históricas...: imprensa cristã e artigos de cristãos nos jornais laicos sergipanos*. Tal projeto busca a digitalização de jornais cristãos e os considerados laicos que contém artigos de cristãos. Também tem como objetivo a produção de guias funcionais para auxiliar os pesquisadores da área, bem como a confecção de artigos para eventos.

Os protestantes dos segmentos acima citados utilizaram-se de vários meios para adquirir mais adeptos, como é comum a quase todas as Igrejas no Brasil. Nesse sentido, por exemplo, a imprensa passou a ser o instrumento de evangelização, de manutenção da ritualização dos cultos e até mesmo como instrumento de combate a outros segmentos da mesma religião cristã. Vários órgãos de imprensa cristã (da vertente protestante) foram criados, como *O Jornal Batista*, fundado em 1901 e publicado no Rio de Janeiro como órgão oficial e nacional dos batistas no Brasil. Outro jornal é *O Norte Evangélico*, editado pelos presbiterianos em Pernambuco, fundado em 1912. Eles eram diversos e, mesmo que tenham como objetivo a evangelização, notificaram acontecimentos de acordo com as vicissitudes históricas de cada instituição a qual estavam ligados.

Sendo assim, vale ressaltar, diante da multiplicidade de objetos de estudos que esses jornais apontam, resolvemos tratar apenas sobre alguns traços relacionados ao *Sergipe Evangelico*: as motivações que proporcionaram a criação do mesmo; a maneira como algumas Igrejas organizaram-se para fundar esse periódico; quem eram os responsáveis pelo tal; quais suas *propriedades físicas*; quais os tipos de conteúdo existentes nele, a possível causa da derrocada do órgão; entre outros.

1. Desenvolvimento do tema e discussões



Em 1935, ocorreu um acontecimento significativo relacionado a algumas Igrejas protestantes localizadas na capital de Sergipe, Aracaju. Em 31 de outubro do referido ano, o periódico *Sergipe Evangelico* teve a sua primeira publicação veiculada, e isso foi motivo de intensa comemoração entre os responsáveis pelo mesmo, como é demonstrado em seu primeiro número quando é dito:

Entre as vibrantes manifestações de júbilo e as fervorosas orações da família evangelica desta cidade, cujos corações a Deus se elevam em hynnos de profunda gratidão, aparece hoje o Sergipe Evangelico, novo mensageiro que o Senhor envia a todos os homens de boa vontade, como portador das boas novas de salvação (1935-1938, p. 1)

Podemos apontar alguns motivos específicos contribuintes para esta manifestação de euforia, entretanto, um, em especial é digno de nota. O mesmo refere-se à concretização de um projeto (criação do jornal) relacionado a algumas Igrejas cristãs-protestantes.

Com relação a tal motivação, o jornal em análise foi resultado de um intenso desejo que os evangélicos, especificamente os da capital, nutriam há tempos. Entretanto, existiam alguns obstáculos que inviabilizava, até então, tal aspiração. Pelo exposto na primeira publicação do periódico, entendemos que quando os religiosos (evangélicos) conseguiam contar com a Imprensa secular, existente em Aracaju, sempre havia alguns empecilhos. Estes eram manifestos de duas maneiras: através de um espaço diminuto oferecido aos religiosos para as suas publicações e por meio da censura prévia que impedia do conteúdo vir à tona de forma integral.

As descrições desses empecilhos (impostos aos protestantes) foram escritas por alguém que tinha suas intencionalidades e propósitos voltados para a causa *evangélica* e, portanto, são parciais. Contudo, não podemos deixar de levar em conta que o período de circulação do jornal é o mesmo da emergência do Estado Novo.

Dessa maneira, as Igrejas protestantes, até mesmo as localizadas em Aracaju, puderam ter sofrido restrições quando tentaram utilizar a imprensa pública. Ademais, é preciso ressaltar que “[...] o Estado Novo [...] institucionalizou um órgão (Departamento de Imprensa e Propaganda- DIP) [...] com a finalidade explicita de controlar os fluxos informativos produzidos pela imprensa [...]” (RIBEIRO, 1998, p. 249).



A situação financeira era outra dificuldade que impedia o projeto (criação do jornal) dos religiosos protestantes em ser efetivado. Anteriormente as circulações do *Sergipe Evangelico* algumas Igrejas protestantes, por exemplo, a Batista, criaram os seus próprios periódicos, contudo elas sofreram muitas dificuldades por não disporem de recursos financeiros suficientes para a manutenção dos seus respectivos jornais.

Levando-se em consideração tudo isso, podemos fazer a seguinte indagação: como os evangélicos conseguiram, mesmo com todas as dificuldades existentes naquela altura, fundar e também manter um jornal por um tempo relativamente duradouro? A resposta é simples: através da cumplicidade.

As iniciativas de criar um jornal que servisse, entre outras coisas, como um veículo de evangelização foram tomadas, como já mencionado, antes mesmo da existência do *Sergipe Evangelico*. Todavia, há uma especificidade que diferencia tais iniciativas da que gerou o periódico em questão. Se as iniciativas anteriores a criação do *Sergipe Evangelico* foram pautadas na ação solitária de algumas Igrejas, a existência do aludido jornal foi possibilitada pela união de várias Igrejas protestantes.

Vendo que as iniciativas antecessoras não vingaram, os *evangélicos*, uniram-se em torno do mesmo propósito: instituir um jornal que fosse voltado para o interesse de uma Associação, pois dessa maneira eles conseguiriam obter maiores recursos financeiros e manter o jornal.

Não exageramos quando falamos em interesses da Associação, pois foi justamente desta maneira que os religiosos se organizaram para instituir o periódico. Na verdade, o *Sergipe Evangelico* foi criado justamente para ser o: *Orgam da Associação da Imprensa Evangelica Sergipense*, como diz a sua epígrafe.

A organização das Igrejas da capital por meio de uma Associação foi um dos mais importantes motivos que contribuiu para a efetivação do projeto. Falamos em Igrejas da capital e não somente em Igrejas, pois a presença dos evangélicos era notória também no interior. Aliás, as primeiras incursões deles (cristãos-protestantes) em solo sergipano não aconteceram em Aracaju, como se pode supor, e sim em um município interiorano.



Sobre esse fato, a pesquisadora Ester Fraga nos diz que “Em Sergipe, a inserção e expansão protestante iniciou-se em Laranjeiras, cidade escolhida pelos presbiterianos como ponto de partida para a difusão do seu ideário religioso [...]”. (NASCIMENTO, 2004, p. 105). Sabendo disso, faz-se necessário analisar quais Igrejas faziam parte desta Associação e quem eram os seus representantes (pelo menos os que estavam à frente delas quando as mesmas se filiaram na Associação).

Antes de falar sobre quem eram as Igrejas associadas e seus líderes, é necessário considerar algumas particularidades. Uma delas refere-se ao fato de existirem responsáveis específicos pelo jornal e outros incumbidos de exercer funções na própria Associação. Ou seja, o fato de determinado personagem ser presidente da Associação não significava dizer que ele era o diretor do jornal, por exemplo. Para um maior esclarecimento transcrevemos a ata da primeira reunião, que acabou por decidir a designação de cargos da Associação e, com isso, apresentamos quem eram as Igrejas associadas e seus respectivos representantes:

“Em reuniões subseqüentes, foram discutidos e aprovados os Estatutos que orientarão a nova associação, sendo eleita a sua directoria, que assim ficou constituída: Presidente, rev. Celso Lopes; Vice-Presidente, rev. Sebastião Gomes Moreira; 1º Secretario, sr. João Telles; 2º secretario, tenente João Thomaz de Aquino; Thesoureiro, prof. Jucundino Andrade; Procurador, snr. Julio Simas. O presidente e o 1º secretario são, respectivamente, pastor e presbytero da Igreja Presbyteriana; o vice-presidente é pastor da Igreja Presbyteriana Independente; o 2º secretario pertence á Igreja Baptista Brasileira; o thesoureiro é diacono da 2ª Igreja Baptista; o procurador é diacono da 1ª Igreja Baptista.

Ficou resolvido que fosse publicado este jornal como organ official da associação, sendo indicado para o dirigir o rev. Rodolpho Fernandes, pastor da Igreja Christã de Aracaju [...]” Sergipe Evangélico (1935-1938, p. 3).

Por meio deste registro, compreende-se que o grau de responsabilidade exercido por cada Igreja em relação à Associação e ao jornal era o mesmo. Maior evidência disso foi a distribuição coerente dos cargos realizada entre os responsáveis, isto é, cada denominação foi representada de alguma forma dentro da hierarquia organizacional. Evidentemente, essa estrutura da Associação e também do periódico modificou-se com o tempo.



Ao longo da análise sobre o *Sergipe Evangelico* percebe-se que os cargos continuaram a existir, mas os personagens que estavam à frente deles foram alterados. Essa dinâmica pode ser vista em relação ao cargo de diretor do jornal, pois no início é ocupado pelo Reverendo Rodolpho Fernandes, mas, a partir de 1936, assume o posto o Reverendo Alberico Sousa, não sendo sucedido por mais ninguém.

A relação entre os interesses destas Igrejas e como estes eram evidenciados através do jornal não será discutida aqui, o que nos importa nesse momento é tratar sobre os detalhes inerentes ao mesmo. Iniciamos a fazer isto quando versamos sobre os objetivos em torno da fundação do periódico e também quando evidenciamos quem eram os responsáveis por ele e de que maneira se articularam para publicá-lo. Daqui em diante nos ocuparemos em discorrer sobre as chamadas *propriedades físicas* do *Sergipe Evangelico*.

Por *propriedades físicas*, entende-se aquilo que estava ligado à elaboração do periódico (local onde era impresso, quantidade de páginas, número de edições, etc.). Tendo ciência dessas distinções, tratemos sobre as propriedades. Semelhantemente a outros jornais, o *Sergipe Evangelico* tinha uma circulação mensal e o valor da sua assinatura era variável. O custo para os que aderiam à assinatura mensal totalizava \$500 réis, já os que optavam por adquirir o número avulso desembolsavam em torno de \$ 300 réis ². Além destes dois tipos de assinantes havia outro, a saber, o que recebia em sua residência o número atrasado. Para adquiri-lo, o interessado deveria estar disposto a gastar \$ 400 réis³.

A cobrança em relação aos assinantes era justificável. Os custos em torno da elaboração do periódico eram consideráveis, isso sem contar que a Associação não dispunha de uma maquinaria e tipografia próprias. Afirmamos isto, pois o *Sergipe Evangelico* era composto e impresso na Casa

² Na página 4 referente ao Nº 10 do jornal, publicado em Outubro de 1937, o valor do número avulso sofreu uma alteração passando a custar \$200 réis, mas na maioria das edições predominam o preço citado no texto.

³ Na página 4 referente ao Nº 10 do jornal, publicado em Outubro de 1937, o valor do número atrasado sofreu uma alteração passando a custar \$300 réis, mas na maioria das edições predominam o preço citado no texto.



Ávila⁴, caracterizado por ser um estabelecimento comercial e não ligado a Associação.

Não dispomos de informações suficientes sobre os valores exatos concernentes à produção do jornal realizada no estabelecimento citado. Entretanto, se levarmos em conta o período de circulação do jornal como sendo uma fase marcada por transformações sociais e econômicas, perceberemos que as tais refletiram diretamente na Imprensa. As modificações na Imprensa nacional a partir desse período (1935 em diante) foram tão consideráveis que fizeram Juarez Bahia apontar o surgimento da “[...] fase moderna da imprensa no Brasil”. (BAHIA, 2009, p. 210).

Com o advento dessa fase moderna, a Imprensa profissionalizou-se e ganhou outro aspecto em relação às fases anteriores. Sai de *cena* o jornal de característica *panfletária* e que chega a flertar com o *amadorismo* e entra em *jogo* o de característica empresarial. Sendo assim, há uma maior racionalização na organização da Imprensa.

É necessário ressaltar o fato da análise de Juarez Bahia ter o foco direcionado para os jornais de grandes tiragens e de âmbito nacional. Mas, guardadas as devidas proporções e sabendo que as transformações ocorridas na Imprensa não foram simultâneas em todos os lugares, podemos inferir que o fato da Associação não possuir sua própria tipografia, em tempos de modernização da Imprensa, contribuiu e muito para o aumento dos custos em torno da elaboração do seu órgão informativo.

Conjecturas à parte, abordemos como era a composição do periódico. No parágrafo anterior, relatamos que o jornal, como a maioria do seu tempo, teve a sua circulação suspensa em definitivo e apontamos a falta de uma maquinaria e tipografias próprias como uma das possíveis responsáveis para isso. Porém, acima de tudo, é preciso analisá-lo tendo em vista as suas especificidades e como elas contribuíram para ele manter-se em circulação.

Por intermédio de títulos atraentes, artigos inerentes a assuntos específicos, distribuição coesa das colunas e matérias bem escritas, o

⁴ Esse estabelecimento aparece em algumas publicações do jornal situado na Rua João Pessoa, nº 34. Em outras o endereço modifica-se, a Casa Ávila permanece na mesma rua, mas o nº do estabelecimento passa a ser o 100. Ainda em outra publicação, o endereço altera-se totalmente. A casa comercial passa a situar-se na Rua laranjeiras, nº 37.



Sergipe Evangelico pode ser considerado um jornal bem elaborado. Como já apontamos a sua primeira publicação ocorreu em 31 de outubro de 1935. Neste mesmo ano, só foram circulados dois números do órgão e, a partir de 1936, foram veiculados onze números, publicados a cada mês. Os dois números inerentes a 1935 mais os onze que circularam em 1936 constituem o término do Ano I e início do Ano II do Jornal.

No que compete ao Ano II do periódico, já ressaltamos que ele inicia-se em 1936, mais precisamente em dezembro daquele ano, mês em que foi divulgado o seu primeiro número. Como as publicações eram mensais, o segundo número que constituía o Ano II veio à tona no primeiro mês do ano seguinte e o décimo segundo número relacionado ao Ano II foi publicado em Dezembro de 1937. Em relação ao Ano III⁵ do jornal temos algumas limitações que nos impedem de fazermos descrições consistentes.

Em princípio, estas informações possuem apenas um aspecto descritivo do jornal. Sem negar essa característica, podemos relacioná-la com outras intrínsecas a ele e que podem situar-nos melhor em nossa análise. Em outras palavras, no instante em que observamos as edições do jornal (Ano, Nº, Data de publicação, entre outras) em conformidade com o seu conteúdo, conseguimos entender as mudanças ocorridas nele durante o tempo de circulação.

Invariavelmente o *Sergipe Evangelico* possuía quatro páginas⁶ em seus números e em cada uma delas existiam algumas características próprias. Por exemplo, a primeira página quase sempre trazia um artigo escrito por alguém importante dentro da direção do jornal, quer sejam redatores ou o próprio diretor. Isso sem falar nos títulos emblemáticos escritos em letras garrafais, o que chamava ainda mais a atenção do leitor.

5 Ressaltamos que a procedência do jornal em questão é da Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dória, estando arquivado na pacotilha de número 45. É possível que outra instituição também o possua. Digitalizamos e analisamos todas as edições do periódico e, com relação ao Ano III, somente encontramos dois números, a saber, o vinte e cinco e o vinte e seis. Ambos foram publicados em 1938, respectivamente nos meses de maio e junho. Isso nos leva a acreditar que o Jornal teve outras publicações.

6 A única vez que o número de páginas alterou-se foi na edição de setembro de 1936. O número 10 do Ano I contém oito páginas, isso ocorreu porque se tratava de uma edição especial.



Esta *tática* fez-se presente ao longo de todas as edições do *Sergipe Evangelico*, contudo é possível notar que, em relação a alguns temas, ela modificou-se de número para número e de um Ano ao outro. Para ilustrar melhor essa situação, temos o caso das notas dirigidas aos cooperadores do jornal. Nas primeiras publicações as mesmas quase não apareciam, mas, a partir de determinado tempo, elas são frequentes e chegam até a estampar a página inicial, mostrando que objetivava impactar os assinantes no sentido de fazê-los contribuir ainda mais.

Poderíamos citar muitos outros exemplos concernentes à relação entre as edições e o conteúdo do periódico, mas não dispomos de espaço suficiente para isto. É necessário lidar de agora em diante com os temas constituintes do periódico. Pelo próprio nome, o *Sergipe Evangelico* já evidencia qual é o seu foco e do que ele trata, entretanto, por meio de uma investigação mais acurada é possível enxergar outras temáticas além daquelas que um jornal de *crente* comumente lida.

Já citamos o quanto os editores do jornal utilizavam dos títulos *chamativos* para atrair a atenção do leitor. Pois bem, por meio de tais títulos é possível ter uma noção de quais temáticas estão presentes em determinada edição do órgão informativo.

Para fins de ilustração, citemos algumas inscrições de matérias do jornal e, dessa maneira, qual o tipo de temática se relaciona com título: *Culto ao ar livre, A Importância da Bíblia, Pensando no casamento, A atividade dos irmãos batistas, O crente e o pecado, O Amor do culto de Deus*. Em qual categoria pode ser incluída as matérias precedidas por estes títulos? Sem dúvida, as mesmas estão em conformidade com o que podemos denominar de matérias de cunho religioso, ainda que os subtemas não sejam homogêneos.

Para fins de comparação, é necessário reproduzir outros títulos de algumas matérias do jornal. Assim, temos: *O Fracasso da Diplomacia, Os perigos da hora presente, Escravos de ontem e escravos de hoje e A solução do problema universal*. Com relação às matérias precedidas por estes títulos, em qual categoria podemos inseri-las? A resposta não é tão simplória quanto



se supõe e acaba por revelar a aguda dificuldade que possuímos em classificar as matérias constituintes do periódico.

A matéria precedida pelo título *A solução do problema universal*, por exemplo, nos mostra o porquê desta dificuldade. O colunista relata o que estava ocorrendo na sociedade daquele momento, a saber, a ascensão dos regimes totalitários, os acordos de paz e a crise política em nível macro, e, ao mesmo tempo, alega ser a religião (cristã protestante) a solucionadora destes problemas. Portanto, torna-se tarefa difícil e até mesmo temerária classificar tal matéria, seja na categoria religiosa, política ou diplomática, já que ela abarca cada uma destas características.

Longe de tentar expor de forma fidedigna quais os tipos de matérias são predominantes no *Sergipe Evangelico* e quais as suas categorizações, o que podemos notar, após a análise do periódico, é a publicação maciça de matérias de caráter religioso⁷, no entanto as temáticas envolvendo assuntos seculares (política, diplomacia, etc.) fazem-se presentes nele, mesmo que em menor número ou envoltas nos assuntos sacros.

Considerações Finais

Por meio dos apontamentos citados ao longo do texto, podemos inferir que o órgão da Associação parou de circular como tantos outros jornais de sua época também pararam, entretanto, se atentarmos nas dificuldades operantes naquela altura, algumas delas, inclusive, já mencionadas no decorrer da nossa análise, perceberemos que ele permaneceu em atividade por um tempo relativamente duradouro.

Em uma fase de *modernização* da imprensa como Juarez Bahia bem apontou, fase esta que não tolerava mais *amadores*, é para se destacar o fato de um jornal ter durado três anos ou mais. Essa consideração ganha mais destaque ainda se levarmos em consideração que o *Sergipe Evangelico* não possuía patrocinadores comerciais de renome, nem era um jornal que se

⁷ A presença abundante de assuntos voltados à religião é justificável, pois intenção maior do jornal estava voltada “Para a difusão (sic) das doutrinas do Filho de Deus”. *Sergipe Evangélico* (1935-1938). Ano I, Nº1, pág. 1.



envolvia em questões políticas-partidárias (fatores estes mantenedores de alguns periódicos seculares). Pelo contrário, era mantido pela dedicação de seus colaboradores, que na maioria das vezes eram os próprios membros das respectivas Igrejas, que não detinham recursos financeiros suficientes para a manutenção do jornal.

Dito isto, é preciso concluir essa análise destacando alguns pontos. O primeiro refere-se ao fato da mesma não ter sido direcionada a tratar sobre a história das Igrejas protestantes de Aracaju. Além disso, não tivemos a intenção de falar sobre os usos que a mesma fizeram do jornal. Pelo contrário, procuramos apenas versar sobre as informações gerais do periódico em questão.

Referências

BAHIA, Benedito Juarez, 1930-1998. História, jornal e técnica: História da Imprensa Brasileira. 5.ed. Rio de Janeiro. Mauad X, 2009.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, nº 67, São Paulo, p. 48-67, 2005.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. A escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGE, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. PINSKY, Carla Bassanezi. (org). Fontes Históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7.

RIBEIRO, Lavina Madeira. A institucionalização do Jornalismo no Brasil: 1804-1964. Tese (Doutorado em Comunicação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Orientação de Antônio Augusto Arantes.